

CI-CPRI



Estudo Multidisciplinar sobre Troia

Resumo

Troia existiu? Ainda parece haver grande controvérsia sobre o assunto. Portanto, o artigo investiga a questão a três níveis: 1) à luz da herança cultural; 2) da geopolítica; 3) da arqueologia e de estudos complementares (geológicos, climatéricos e astronómicos).

Palavras-chave: Troia, heróis, alianças políticas, achados.

Abstract

Did Troy exist? There's still large controversy about this subject matter. Therefore, this article researches the question at three levels: 1) cultural legacy; 2) geopolitical; 3) archeological and other complementary studies (geological, climacteric and astronomic).

Keywords: Troy, heroes, political alliances, key findings.

Introdução

O artigo de investigação apresenta uma nova perspetiva sobre a antiga Troia (campo arqueológico de Hisarlik). Propõe uma análise cultural, política e arqueológica sobre Troia e a(s) Guerra(s) de Troia(s). Oferece-se uma interpretação das várias lendas para, num primeiro capítulo, ajudar a enquadrar o subtexto e identificar alguns dos principais personagens da trama (Héacles, Argonautas, Helena e Menelau, e Aquiles).

Num segundo capítulo propõe-se uma análise geopolítica e estratégica ou militar do tema, com base na lista dos líderes, das cidades e das alianças intervenientes no conflito que constam nos Anexo 2 e 3.

No terceiro capítulo analisam-se estudos arqueológicos, geológicos, climatéricos e astronómicos, considerados pertinentes, que tentaram testar a veracidades dos factos, para saber se a análise efetuada nos dois capítulos anteriores pode ser confirmada no terreno.

Do ponto de vista metodológico, a autora recorreu a fontes secundárias, tanto clássicas como atuais, para ajudar a fundamentar a linha de orientação e as opiniões defendidas, tendo sempre presente que, tratando-se de um pequeno artigo, sem margem de manobra para grandes explanações, foi necessário fazer escolhas sobre os pontos de vista a abordar. O material de apoio consta em Anexo (mapas, figuras, tabelas e listas).

I. Enquadramento

Lendas de Troia

Há muitas lendas associadas a Troia. Neste artigo considera-se cada geração como uma nova fase na evolução da cidade e não como uma relação estritamente familiar e direta. As propostas de análise estão reunidas na Tabela 1, que se segue.

Tabela 1: Lendas vs. Arqueologia

Rei (Mitologia)¹	Hipotética Origem do rei²	Nível da cidade	Período³
Teucro	Creta	Troia I	3000-2500 a.C.
Dárdano	Samotrácia	Troia II	2500-2200 a.C.
Eriectónio	Atenas	Troia III	2200-2050 a.C.
Trós	Tróade	Troia IV	2050-1900 a.C.
Ilo	Frícia	Troia V	1900-1800 a.C.
Laomedonte	Tróade	Troia VI	1800-1300 a.C.
Príamo	Tróade	Troia VII a	1300-1260 a.C.
Páris Alexandre	Tróade	Troia VII b1	1260-1190 a.C.
Eneias	Dardânia	Troia VII b2	1190-1100 a.C.

Fonte: Autora

De acordo com a tradição, o primeiro rei de Troia chamava-se Teucro, filho de Escamandro (deus-rio) e da ninfa Ideia (do *Monte Ida*)⁴. Era talvez um emigrante de origem cretense.⁵ O que pensar desta história? Podia ter havido um fluxo migratório de sul para norte, no mar Egeu, no II milénio a.C.

Dárdano teria sido o segundo rei de Troia. Era filho de Zeus e de Electra, filha de Atlas. Natural da Samotrácia.⁶ Sobreviveu ao dilúvio que lhe matou o irmão e chegou a Troia

¹ Gérion, 1992.

² Localização das terras (Cf. Anexo 1, Mapa 1).

³ Blegen, 1966: 181.

⁴ *Monte Ida*: havia um na Tróade (atual Kaz Daği) e outro em Creta (atual Psilorítis).

⁵ «Mas existem outras tradições que fazem de Teucro um estrangeiro emigrado na Tróade. Faziam-no, por exemplo, oriundo de Creta, e mais precisamente do Ida cretense, com o pai Escamandro. No momento da sua partida, haviam consultado o oráculo, que lhes ordenara que se estabelecessem no local onde fossem atacados pelos ‘filhos do solo’. Uma noite, quando acamparam na Tróade, as suas armas, os seus escudos e as cordas dos seus arcos foram roídos por ratos. Compreendendo que o oráculo se tinha concretizado, fundaram nesse local um templo a Apolo Esminteu (o Apolo dos Ratos) e estabeleceram-se aí.» (Gérion, 1992: 149)

⁶ *Id. Ibid.*: 111.

numa jangada. É possível que um desastre natural tenha destruído a velha cidade, obrigando à sua posterior reconstrução por Teucro ou novos habitantes vindos de fora.

O pai de Trós chamava-se Ericciónio. Existe um herói ático desse nome, que introduziu o culto da deusa Atena na cidade de Atenas e, possivelmente, em Troia também. Sendo assim, teria havido um fluxo migratório de oeste para este⁷.

Trós deu nome à cidade (Troia) e ficou conhecido por ter sido pai de Ilo.⁸ Este último casou-se com Eurídice e o casal teve vários filhos, entre os quais o futuro rei Laomedonte e a avó de Eneias.

Ilo fundou Troia após a consulta de um oráculo na Frígia. A urbe recebeu o seu nome (Ílion). Ele mandou edificar a cidade onde caíra o “erro de Zeus”.⁹ O que significa? Pode referir-se a uma guerra ou a um desastre natural, pois este deus tinha como símbolos os raios e os relâmpagos das tempestades. Ilo também ordenou a construção,¹⁰ ou talvez mais a reconstrução, do templo da deusa na Acrópole. Nesta fase surge o Paládio, o que implica a associação de Pallas a Atena (que já seria venerada anteriormente no local e cuja estátua pode ter sido reencontrada).¹¹ O que admite um período de simbiose cultural ou de troca de experiências entre religiões diferentes que aprenderam a conviver entre si.

Laomedonte foi rei de uma cidade que parecia invencível. O mito atribuía a autoria da construção das muralhas de Troia aos deuses Apolo e Posídon; mas também a Éaco, o avô paterno de Aquiles (referência que costuma passar despercebida, mas importante).¹²

⁷ A mitologia grega refere duas vezes o nome de Ericciónio, em Atenas e em Troia. Podem ser dois heróis diferentes. Também é possível conciliar as suas histórias. É a proposta que aqui se faz. 1) em Atenas: «Ericciónio é um dos primeiros reis de Atenas (...) Atena criou Ericciónio no recinto sagrado do seu templo na Acrópole. Mais tarde, Cécrops entregou-lhe o poder. (...) Da sua união [com a ninfa Praxíteia] nasceu Pandión, que lhe sucedeu no trono de Atenas. Atribui-se geralmente a Ericciónio a invenção da quadriga, a introdução da moeda na Ática e a organização das Panateias, a festa em honra de Atena, na Acrópole.» (Gérion, 1992: 145)

⁸ «Trós. Herói epónimo da raça troiana e do povo troiano. É filho de Ericciónio, ele próprio filho de Dárdano, e da filha do deus-rio Simoente, Astíoque. Desposou Calíroe, a filha de Escamandro, de quem teve vários filhos: uma filha Cleópatra, e três filhos, Ilo, Assáraco e Ganimedes.» (*Id. Ibid.*: 457)

⁹ «Ilo fundou a cidade de troia (Ílion), nas seguintes circunstâncias: oriundo da Tróade, foram à Frígia participar em jogos organizados por um rei desse país. Aí conquistou o prémio constituído por cinquenta jovens escravos de ambos os sexos. Por indicação de um oráculo, o rei acrescentou a este prémio uma vaca malhada e aconselhou-o a que se estabelecesse no sítio onde ela parasse e aí fundasse uma cidade. A vaca dirigiu-se para norte e parou numa colina da Frígia chamada a colina de Ate. Aí caíra Ate (o Erro), lançado do céu por Zeus. Ilo construiu no local uma cidade a que chamou Ílio (a futura Troia) e que se erguia na planície do Escamandro, perto de Dárdano, a cidade do *Monte Ida* fundada por Dárdano.» (*Id. Ibid.*: 249)

¹⁰ «Algum tempo depois da fundação de Ílio, Zeus, a pedido de Ilo, enviou-lhe um sinal para lhe testemunhar o seu favor e confirmar a sua escolha do local. Uma manhã encontrou defronte da sua tenda uma estátua que descera milagrosamente do céu, o Paládio, que tinha três côncavos de altura e cujos pés estavam juntos; na mão direita segurava uma lança, na esquerda uma roca e um fuso. Representava a imagem da deusa Atena, Pallas. Ilo construiu um templo para receber a estátua que foi o grande templo de Atenas em Troia.» (*Id. Ibid.*)

¹¹ «Em outras tradições, a estátua caiu pelo teto do templo quando este não estava ainda concluído e tomou ela própria o lugar ritual. Outra versão conta ainda que, durante o incêndio que atingiu o templo, Ilo salvou a estátua retirando-a das chamas; mas cegou, pois não lhe era permitido ver essa imagem divina. No entanto, Atena deixou-se mover pelas suas orações e devolveu-lhe a vista, já que o sacrilégio cometido tinha justificação.» (*Id. Ibid.*: 249)

¹² *Id. Ibid.*: 268.

Laomedonte era considerado monarca poderoso, mas falhava nas suas responsabilidades para como os deuses, razão pela qual a cidade sofreu um maremoto (Posídon era o deus dos oceanos, maremotos e tremores de terra)¹³ e foi ceifada pela peste (castigo de Apolo). A lenda alude a um desastre natural com grave impacto social. Provavelmente morreu muita gente e a população entrou em pânico. A solução encontrada para apaziguar a fúria dos deuses foi um sacrificio humano. Hesíone, filha do rei, quiçá uma virgem, foi acorrentada a uma rocha junto ao mar para ser devorada por Posídon. Será salva por Hércules, que vence o “monstro marinho que devorava os habitantes”¹⁴ (ou seja as águas acalmam), mas o rei de Troia não o recompensa pelos seus serviços e ele jura vingança.

Hércules é o “herói mais popular e o mais célebre de toda a mitologia grega”; nasceu em Tebas, é de “raça argiva” e famoso pelos seus “doze trabalhos”.¹⁵ Viajou por todo o Egeu e a sua “primeira grande expedição” foi em Troia (ao regressar do país das Amazonas).¹⁶ Ele representava o herói do Peloponeso, ainda errante e, na maior parte das vezes, individualista, mas altamente perigoso.

Hércules visitou Laomedonte novamente. Desta vez não apareceu sozinho. Trouxe consigo os Argonautas. Trata-se de uma das primeiras referências lendárias a uma grande expedição grupal (não individual de um herói solitário, ou tribal como os centauros) com vista à aventura ou ao saque (e não à colonização do território) por parte dos gregos.

O nome Argonauta derivava da nau Argo (construída por um homónimo, com a ajuda de Atena), que os transportou da Tessália (de onde era natural Jasão e de Aquiles, ambos discípulos do centauro Quíron) em busca do *Velo de Ouro*.¹⁷ Pelo caminho fizeram uma expedição a Troia, temporariamente sob comando de Hércules.

¹³ «Desde os tempos da *Iliada*, a Posídon coube em partilhas o poder sobre o Mar (...) pode dominar as vagas, provocar tempestades; faz estremecer os rochedos das margens, tocando-lhes apenas com o seu tridente; pode fazer jorrar fontes. O seu poder parece estender-se não só ao mar mas também aos rios e aos lagos (não obstante os rios terem as suas divindades próprias). As suas relações com Zeus nem sempre são amistosas (...) enquanto os filhos de Zeus eram heróis favoráveis à humanidade, benfeitores, os descendentes de Posídon, tal como os de Ares, eram geralmente gigantes violentos e perigosos.» (Gérion, 1992: 389-390).

¹⁴ *Id. Ibid.*: 213.

¹⁵ *Id. Ibid.*: 205.

¹⁶ *Id. Ibid.*: 213.

¹⁷ Jasão reclamou o trono do pai (o rei legítimo da cidade de Iolco) ocupado à força pelo tio Pélias. Este mandou-o realizar uma tarefa supostamente impossível e que consistia em ir buscar o velo de ouro, consagrado por Eeta (rei da Cólquida) ao deus Ares, e sob guarda de um dragão. Pélias nunca pensou que o sobrinho regressasse, mas o herói cumpriu o prometido (*Id. Ibid.*: 259).

Na lista dos Argonautas¹⁸ constavam os nomes dos irmãos Télamon e Peleu, filhos de Éaco (respetivamente, os pais de Ajax e de Aquiles). A incursão em Troia foi destruidora. Laomedonte e os filhos foram mortos, à exceção de Príamo.¹⁹

Os poetas também contavam que Troia foi reconstruída sob a liderança de Príamo, um rei que casou duas vezes: primeiro com Mérope, mãe de Ésaco; e depois com Hécuba, mãe de Heitor e de Páris Alexandre. Ao todo, a lenda atribui a Príamo 50 filhos.²⁰

Ésaco era o filho da primeira mulher, mas ele não subiu ao trono de seu pai, suicidou-se após ter proposto a morte de Páris Alexandre.²¹ A questão podia encobrir problemas sucessórios. Príamo tinha grande descendência e os filhos disputavam a autoridade máxima no exército, tendo a honra cabido inicialmente a Heitor. A guerra com Troia pode ter sido uma forma de disfarçar problemas internos, que podiam ou não ter ocorrido.

Na *Iliada*, Príamo ainda era vivo quando Páris Alexandre raptou Helena e os aqueus atacaram Troia. Mas parece ter havido uma certa transferência de poder a favor deste filho. Nas lendas ele liderou uma armada que passou por vários portos, incluindo Esparta. Portanto, ou ele subiu ao trono ou, no mínimo, assumiu papel de embaixador da cidade.

Eneias não pertencia à casa real de Troia e descendia de Trós. Na *Iliada* ele chefiava o contingente dos Dardânios (ver Tabela A, Anexo 2), pelo que talvez fosse natural de uma urbe vizinha. Tal como Páris Alexandre, começou a sua vida como pastor no *Monte Ida*. Ele era filho de Anquises e de Afrodite, uma deusa que lhe garantiu que seria futuro rei de Troia.²² Os romanos, séculos mais tarde, pensavam que Eneias teria morrido no Lácio.

¹⁸ Os principais Argonautas eram talvez: Jasão, filho de Éson (comandante) e o primo Acasto, filho de Pélias; Argo, filho de Frixo ou de Arestor (construtor); Tífis, filho de Hágnias (piloto); Ergino, filho de Posidon (piloto substituto) e o irmão Eufemo; Orfeu, filho de Eagro (músico); Etálides, filho de Hermes (arauto); Ídmon, Anfiarau e Mopso (adivinhos); Peleu e Télamon, filhos de Éaco; Castor e Pólus, filhos de Zeus e de Leda; Peante, o pai de Filoctetes; Íficlo, o filho de Téstio e o seu sobrinho Meleagro; Admeto, filho de Feres; Astério, filho de Cometes; Augeu e Eetes, filhos de Hélio; Butes, filho de Téleon; Cefeu e Anfidamante, filhos de Áleo; Ceneu e o filho Corono; Éurito, filho de Hermes e o irmão Équion; Idas e Linceu, filhos de Afareu; Ífíto, filho de Náubolo; Palemónio, filho de Hefesto ou de Etolo; Periclímene, filho de Neleu; Polifemo, filho de Élato; Zetas e Cálais, filhos do vento Norte Bóreas. Mais tarde, Hércules junta-se a eles para conquistar Troia. «‘Catálogos’ diferentes conservaram-nos a lista dos Argonautas que acorreram ao pregão do arauto que percorreu a Grécia anunciando que Jasão organizava uma expedição à Cólquida. (...) O número dos Argonautas é relativamente fixo: entre 50 e 55. A nau estava construída para cinquenta remadores.» (Gérion, 1992: 42)

¹⁹ *Id. Ibid.*: 268.

²⁰ *Id. Ibid.*: 394.

²¹ «Ésaco, o filho de Príamo e de Arisbe, herdara do seu avô Mérope o dom de interpretar os sonhos. Por isso, quando Hécuba, prestes a dar à luz Páris, sonhou que nascia dela uma tocha inflamada que pagava fogo à cidade de Troia, interrogaram-no sobre o sentido de tão estranho sonho. Ele respondeu que a criança nascitura causaria a ruína da cidade e aconselhou que a matassem á nascença. Imediatamente, a mulher de Ésaco morreu, mordida por uma serpente, e Ésaco lançou-se ao mar. Por piedade, Tétis transformou-o em pássaro, provavelmente num pombo.» (*Id. Ibid.*: 149) Tétis era a mãe de Aquiles.

²² «Afrodite, de facto, após ter partilhado o seu leito, disse-lhe: ‘Terás um filho que será rei dos troianos. Os seus filhos serão filhos e as gerações suceder-se-ão eternamente’. Os poemas posteriores a Homero apresentam Eneias participando nos últimos combates em torno das muralhas de troia, desempenhando na defesa da cidade o papel de Heitor, após a morte deste. Mas é depois da queda da cidade que a sua importância redobra. Compreendendo, pelo prodígio que vitimou Laocoonte e os filhos, que o fim de Troia se aproximava, seguindo os conselhos do pai e as indicações de Afrodite, o herói dirige-se para as montanhas com Anquises, o pequeno Ascânio, seu filho, e a esposa, Creúsa. Uma versão mais romanceada da lenda contava como Eneias havia sido surpreendido na cidade pelo ataque dos Gregos. Teria então fugido

Versões incompatíveis? Podem ser compatíveis se admitirmos que a nova cidade, da qual Eneias foi rei, não durou muito tempo e que ele teve de emigrar.

As lendas, ao contrário dos mitos, têm um fundo de verdade. Henrich Schliemann, no séc. XIX, abriu portas à possibilidade de estabelecer uma relação, nem que seja mínima, entre a herança cultural e as ruínas de Hisarlik, Micenas e Tirinto. Desde então, foram financiados vários estudos arqueológicos na Turquia, entre os quais os de Carl Blegen, que liderou equipas no terreno entre 1932-38 e aqui usado como referência. Sendo assim, propõe-se a seguinte associação de ideias, como ponto de partida na análise: Troia I e Teucro, Troia II e Dárdano, Troia III e Ericciónio, Troia IV e Trós, Troia V e Ilo, Troia VI e Laomedonte, Troia VIIa e Príamo, Troia VIIb1 e Páris Alexandre, Troia VIIb2 e Eneias.

Helena, Héracles e Aquiles

Homero, *Odisseia*, Canto 4, 136-139: «Sentou-se Helena no trono, sob o qual estava um banco para os pés; e logo interrogou o marido com estas palavras: Sabemos, ó Menelau criado por Zeus, quem estes homens declaram ser, que a nossa casa chegaram?»²³

Helena era rainha de Esparta e uma heroína épica²⁴. Nas versões mais antigas, foi raptada por Páris Alexandre, embora “a maior parte dos autores posteriores a Homero” considerar que ela foi para Troia de livre vontade²⁵. Menelau reuniu uma liga de heróis aqueus para atacarem Ílion e, após dez anos de guerra, ele constava da lista de vencedores. Entre os troianos, ela foi amante, pelo menos, dos irmãos Páris Alexandre e Deífobo. Mas quando a cidade foi tomada pelos invasores, Menelau não a castigou, pelo contrário, ficou feliz da vida por a ter recuperado, recompensou-a com riquezas adquiridas no Egito²⁶ e

no meio das chamas, levando o velho Anquises às costas e Ascânio nos braços, encarregando-se ainda dos deuses mais sagrados de Troia, os Penates, e do Paládio. Ter-se-ia deste modo retirado para o Ida, onde reuniu os habitantes dispersos que haviam sobrevivido ao massacre, fundando uma cidade nova na qual reinou, justificando-se assim a profecia de Afrodite, que não teria, segundo esta versão, provocado a guerra senão para roubar o trono a Príamo, a fim de o dar à sua própria raça. Mas a lenda mais divulgada, à qual se encontra ligado o poema de Virgílio, é a que narra as aventuras e as viagens de Eneias. » (Gérion, 1992: 135).

²³ Lourenço, 2018: 135.

²⁴ «A narrativa épica e sobretudo uma fonte de ideologias que forma *a posteriori* uma tradição, um modelo e um *impulso* social. Ao estudarmos o feminino: o princípio, a deusa, a mulher, a esposa, a noiva, a mãe, a filha e a sacerdotisa, começamos pelas evidências indo-europeias, que nos permitiram entender as estruturas etimológicas e ideológicas (a partir de uma uniformidade conceptual) do feminino, e a sua relação com a legitimação e o reconhecimento de soberanias.» (Martins, 2012: 164).

²⁵ «[Páris] Depois em Esparta foi recebido em casa de Menelau. Todavia, quando este partiu para Creta, para os funerais de Catreu, foi Helena quem substituiu o marido nos deveres para com os Hóspedes. Desse modo, encontrou Páris e, pouco depois, ele raptou-a. A maior parte dos autores posteriores a Homero considera que Helena estava de pleno acordo quanto a esse rapto. Alguns tentam justificar a sua conduta e garantem que apenas cedeu à força. Outros, por fim, dizem que foi o próprio Tíndaro quem, na ausência de Menelau, concedeu a Páris a mão de Helena. Chegou mesmo a dizer-se que Afrodite dera a Páris a forma e a figura de Menelau para lhe permitir seduzir Helena. A maior parte das vezes, porém, atribui-se à beleza de Páris e à sua riqueza o papel decisivo nesse rapto.» (Gérion, 1992: 198).

²⁶ Homero, *Odisseia*, Canto 4, 76-85: «Enquanto isto dizia, ouviu-o o loiro Menelau; e falando dirigiu-lhes palavras apetrechadas de asas (...) Pois é verdade que após sofrimentos e errâncias trouxe para casa as riquezas nas naus, no oitavo ano. Andei perdido por Chipre, pela Fenícia e pelo Egito; cheguei aos Etíopes, aos Erembos e aos Sidónios; estive na Líbia (...)» (Lourenço, 2018: 133)

regressou com ela a casa, após oito anos, como um conquistador! Depois o casal organizou o casamento da filha em comum, Hermíone, com o filho do falecido Aquiles.²⁷

Helena foi raptada duas vezes, primeiro por Teseu e depois por Páris Alexandre. A tradição de (simbolicamente?) raptar a mulher com quem o espartano queria casar manteve-se ao longo dos séculos, muito além das reformas de Licurgo.²⁸

«Helena, a Argiva, em prol da qual muito sofreram Troianos e Argivos devido à vontade divina»²⁹ era considerada a causa da guerra contra Páris. Mas a sua vida foi poupada. Porque fizeram uma festa quando ela voltou para Esparta? Por ela ser “a mulher mais bela do mundo”³⁰? A beleza *pode dar poder sobre os outros*.³¹ Mais do que isso, quem tem poder *parece belo*³².

E se Helena fosse a mulher mais influente da época?³³ Seria, por isso, considerada bonita, mesmo que não fosse fisicamente interessante? O seu nome seria conhecido por ela ser formosa, ou linda por ser soberana? Ou as duas coisas? Se ela fosse uma das últimas grandes rainhas do Egeu (e não apenas consorte de um monarca) e, ao mesmo tempo, sacerdotisa da deusa da beleza (Afrodite), a sua fama seria suficiente para atrair a Esparta todo o tipo de caçadores de troféus, tais como os pretendentes à mão de Helena, os futuros aliados contra Troia, ou até Páris Alexandre?

A *Iliada* e a *Odisseia* baseiam-se em tradições orais. Os textos foram publicados séculos depois dos acontecimentos. Ao longo do tempo, os aedos podem ter-se adaptado às novas expectativas do público ou ser influenciados pela cultura dórica, já não micénica, que dominava o séc. VIII a.C. de Homero. Os jogos Olímpicos, em que participavam atletas de Atenas e de Esparta, celebravam a pederastia, cujos adeptos tinham outros interesses e dificilmente compreenderiam a razão pela qual o rapto de Helena teria desencadeado a guerra de Troia. A questão faria talvez mais sentido para os primeiros guerreiros da Hélada; em especial se o líder de Esparta fosse Helena e Menelau, enquanto líder do exército, tivesse como obrigação proteger a rainha.

²⁷ Homero, *Odisseia*, Canto 4, 1-5: «Chegaram à ravinosa Lacedemónia cheia de grutas e o carro conduziram para o palácio do famoso Menelau. Encontraram-no em casa a oferecer uma festa nupcial a muitos familiares, pelas bodas do filho e da filha irrepreensível. A filha seria enviada para se casar com o filho de Aquiles (...)» (Lourenço, 2018: 131)

²⁸ «Mas os que desejavam casar-se precisavam raptar aquelas que pretendiam como esposas, não moçoilas ainda não casadoras, mas mulheres vigorosas e já maduras para terem filhos.» (Plutarco, “Vidas Paralelas”, *Licurgo*, XXVIII)

²⁹ Homero, *Odisseia*, Canto XVII, 118-119 (Lourenço, 2018: 339).

³⁰ Gérion, 1992: 198.

³¹ Vários estudos científicos sobre as vantagens de ser atraente ou bonito na evolução ou preservação do estatuto social: Eagly *et al*, 1991; Hosoda *et al*, 2003; Haas and Gregory, 2005; Lutz, 2009.

³² «Os padrões de beleza são formas de censura que apoiam o alegadamente seguro e, portanto, que visa manter o *status quo* das pessoas mais poderosas a governar aquele grupo.» (Bourdeau, 2017: 40)

³³ «A rainha épica e aquela que ‘conhece o detalhe’, discutindo de forma eloquente os temas do reino e da sociedade. Este facto terá levado alguns autores a desenvolverem a ideia (...) de que a mulher terá sido aquela a iniciar as epopeias, *i.e.*, cujo lamento na hora da morte dos familiares masculinos, permitiu um “cantar dos feitos” daqueles que viriam a ser os heróis para as sociedades vindouras. Independentemente de esta ideia ser acertada ou não, a verdade é que reflete o papel fulcral e central que a mulher desempenhou ao longo de toda a História da humanidade, estando presente nos momentos mais importantes da vida do homem (...)» (Martins, 2012: 164).

Helena tinha como mãe Leda (filha do rei Téstio da Etólia que a deu em casamento a Tíndaro e Zeus uniu-se a ela sob a forma de cisne)³⁴, Némesis (filha da Noite, não queria casar e, por isso, fugiu e transformou-se em gansa, Zeus transformou-se em cisne para acasalam e ela pôs um ovo, do qual nasceu Helena)³⁵ ou Afrodite (deusa protetora de Esparta, com templo na cidade; na Síria era também conhecida por Astarte³⁶ e teria nascido de um ovo).³⁷ «Em Esparta, no templo dos Leucípidas, mostravam-se as cascas de um ovo gigante, que passava por ser o ovo posto por Leda.»³⁸ Portanto, para os habitantes locais era tudo a mesma história.

Os pais de Helena e de Aquiles tinham algo em comum. Némesis (ou Leda) tentou escapar a Zeus (ou Tíndaro), durante a noite, tal como Tétis³⁹ fugiu, primeiro de Zeus e depois de Peleu, adotando “várias formas” antes de engravidar e ter filhos. Tétis era uma nereide, tal como Cassiopeia, ou seja, elas eram filhas de Dóris e, portanto, netas do Oceano e viviam «(...) sentadas em tronos de ouro. Passavam o tempo a fiar, a tecer e a cantar.»⁴⁰

As nereides eram divindades marinhas ou rainhas com poder naval? Esta questão pode ser importante, pois Tétis é uma figura muito presente na vida do maior herói da *Iliada*, tenta fazê-lo imortal, avisa-o dos perigos da carreira militar e visita-o várias vezes no campo de batalha e, quando o filho morre, continua a velar pelo neto, Neoptólemo⁴¹.

Hércules também era filho de Zeus (o pai era incógnito; ou um deus por eles serem heróis; ou o patriarca não era a figura mais importante da história). A mãe era Alcmena: “dotada de notável beleza, casara-se com Anfítrio [filho do rei Alceu de Tirinte], mas sem lhe conceder o direito de consumir o casamento enquanto ele não tivesse executado uma certa vingança.”⁴² Enquanto ele cumpria a tarefa, longe da cidade, ela engravidou de Zeus.

³⁴ «Quando Tíndaro, expulso de Lacedémom por Hipocoonte e seus filhos, se refugiou na Etólia, na corte de Téstio, este acolheu-o e deu-lhe a mão da sua filha Leda. Mais tarde, ela acompanhou o marido no regresso a Lacedémom, quando Hércules repôs Tíndaro no trono. (...) Leda teve muitos filhos de Tíndaro (...) foram gerados por Zeus, que tomara a forma de cisne para se unir a ela.» (Gérion, 1992: 273)

³⁵ «(...) Némesis é filha de *Nix* (a Noite), procura evitar a união com o deus. Por isso, toma mil variadas formas e acaba por se transformar em gansa. Mas Zeus torna-se cisne e une-se-lhe. Némesis pôs um ovo, que uns pastores apanharam e deram a Leda. Foi desse ovo que saíram Helena e os Dióscuros.» (*Id. Ibid.*: 326)

³⁶ «Noutras versões Afrodite nasce de um ovo, mito que terá recebido influências do nascimento de Astarte, já que à exceção do hino homérico a Afrodite não há referência a este mito na literatura homérica, na qual ela é filha de Zeus e Dione.» (Martins, 2012: 48)

³⁷ «Na epopeia homérica, a sua genealogia é ainda clara: filha de Zeus e de Leda, seu pai ‘humano’ é Tíndaro e seus irmãos são os Dioscuros, Castor e Pólux. Sua irmã é Clitemnestra. Muito cedo, porém, Helena é considerada filha de Zeus e de Némesis. (...) Outras tradições diziam que Helena era filha do Oceano e de Afrodite.» (Gérion, 1992: 197)

³⁸ *Id. Ibid.*: 273.

³⁹ «Tétis é uma das Nereides, filhas de Nereu, o Velho do Mar, e de Dóris. É, por consequência, uma divindade marítima e eterna, a mais célebre de todas as Nereides. (...) recusa o amor de Zeus, quando este se quis unir a ela (...) De qualquer modo, tornada inacessível para os deuses, Tétis apenas podia desposar um mortal. Quíron, um Centauro, teve conhecimento do caso e apressou-se a aconselhar o seu protegido Peleu a aproveitar a ocasião para desposar uma divindade. Mas esta criou-lhe muitas dificuldades. Como todas as divindades, Tétis possuía o dom da transformação e utilizou-o. Peleu conseguiu, contudo, vencê-la e desposá-la.» (*Id. Ibid.*: 444-445)

⁴⁰ *Id. Ibid.*: 328.

⁴¹ *Id. Ibid.*: 445.

⁴² *Id. Ibid.*: 19.

Alcmena era bisneta de Cassiopeia “a mais bela de todas as nereidas”⁴³ cujo marido, o rei Cefeu da Etiópia, tentou salvar da fúria de Posídon, entregando a filha como sacrifício humano, acorrentando-a a um rochedo junto ao mar. Andrómeda foi salva pelo herói Perseu que a tomou como esposa e a levou “para Argos e depois para Tirinte”.⁴⁴ Esta história é muito parecida à de Hesíone de Troia, salva por Hércules e entregue a Télamon. Recorda talvez época em que as cidades eram fustigadas por maremotos ou outros desastres naturais. Seja como for, os espartanos de Licurgo consideravam-se descendentes de Hércules⁴⁵ e, portanto, quando a pederastia foi introduzida na cidade, a lenda do herói foi adaptada aos novos costumes, mas não perdeu as suas origens.

II. Geopolítica da Guerra de Troia

A *Iliada* e a *Odisseia* de Homero (séc. VIII a.C.) fazem referência aos líderes militares que combateram em Troia. A lista de nomes (ver Anexo 2, Tabela A) pode ser confirmada ou complementada por outras fontes, tais como a contemporânea *Etiópida* de Arctino de Mileto (séc. VIII a.C.) ou a mais antiga *Efeméride da Guerra de Troia* de Díctis Cretense⁴⁶.

Troia ficava situada no estreito do Helesponto (Dardanelos, na Turquia), pelo que estava estrategicamente situada num local de passagem do Egeu para o mar da Mármara (Propôntide, em grego), antes do estreito do Bósforo em direção ao Mar Negro (ou Euxino ou *Postus Euxinus*).

O Mapa 1 do Anexo 1 ajuda a visualizar a dinâmica de poder da região. Fica-se com uma ideia sobre alianças e como estas se distribuíam com base no critério espacial. As cidades a oeste estão claramente unidas contra os interesses a leste. O que pode justificar-se por razões sociais, por pressão migratória; ou por motivos políticos, relacionados com a necessidade de vencer os inimigos (defesa) ou pela vontade de conquistar território (ataque), decorrente da rivalidade entre líderes, sobre quem possui o predomínio das cidades, os direitos pesqueiros, ou o controlo das rotas comerciais e seus principais

⁴³ Gérion, 1992: 77.

⁴⁴ *Id. Ibid.*: 26.

⁴⁵ «(...) em testemunho do que alegam a placa de cobre (1) lançada nos ditos jogos, sobre a qual está ainda hoje gravado o nome de Licurgo. Ao contrário, os que contam os tempos pela sucessão dos reis da Lacedemônia, como fazem Eratóstenes e Apolodoro, o colocam muitos anos antes da primeira olimpíada (2); e Timeu suspeita que haja dois desse nome em diversos tempos, mas que, tendo sido um mais renomeado do que o outro, atribuíram-lhe os feitos de ambos, e que o mais antigo não tenha existido muito tempo depois de Homero; e ainda há os que querem dizer que ele o viu. Xenofonte mesmo nos dá bem que pensar seja ele muito antigo, quando diz que foi do tempo dos Heráclidas, isto é, dos próximos descendentes de Hércules; pois não é verossímil que tenha querido referir-se indiferentemente aos descendentes de Hércules, porque os últimos reis de Esparta foram tanto de sua raça quanto os primeiros; assim, deve ter-se referido àqueles que foram, sem interregno, do tempo mesmo de Hércules. Todavia, ainda que haja tanta diversidade entre os historiadores, não deixaremos por isso de recolher e pôr por escrito o que sobre ele se acha nas antigas histórias, elegendo as coisas em que houver menos contradição ou que tiverem mais graves e mais aprovados testemunhos.» (Plutarco, “Vidas Paralelas”, *Licurgo*)

⁴⁶ Cf. Pereira (2016).

entrepostos; ou por questões religiosas, pois os deuses têm preponderância nas lendas, e a questão não deve ser considerada irrelevante ou mera escolha literária, podendo refletir uma qualquer competição entre santuários, em particular se dependessem de ajuda externa (pública ou privada).

Na antiguidade poucos autores duvidavam da existência dos heróis de Troia. Atualmente há grande controvérsia sobre tal hipótese, centrando a questão no estudo das ruínas de Hisarlik, e não nos nomes invocados pelas lendas. Mas há evidências sobre o facto dos líderes da região estarem dispostos a fazer a guerra para vingar ataques a cidadãos⁴⁷. Ou estabelecer alianças. Foi descoberto um tratado do rei hitita com vários líderes da região, entre os quais um tal de Alexandre/Alaksandus de Wilusa/Wiluwa/Wilusiya (hipotética associação a Ílion) ou de Taruisa (associação a Troia), que deu lugar à Confederação de Assuwa⁴⁸ para fazer face à ameaça egípcia. O faraó conquistador seria Ramsés II que vencera a batalha de Kadesh (1274 a.C.)⁴⁹. O rei hitita seria talvez Tudhaliyas IV.⁵⁰ Em relação a Wilusa ver Anexo 1, Mapa 2.

Troia, na guerra, não se defendeu sozinha dos aqueus. Mas Homero considera-a soberana. Será que ela era apenas mais uma urbe amuralhada sob domínio hitita? Vários autores⁵¹ modernos insistem que sim. Porquê? O império a leste era dominante na Anatólia, grande em extensão territorial e tinha capacidade para negociar uma Confederação como a de Assuwa, pelo que Troia não teria qualquer capacidade para se afirmar sozinha na região. As Amazonas e os Halizões ou eram míticos ou aliados fracos

Nas lendas clássicas, o exército de Troia era o mais forte da liga contra os Aqueus (ver lista de líderes e de cidades, Tabela A, Anexo 2). Os Argivos mostram grande respeito ou até admiração pelas muralhas de Ílion (e não por ser uma cidade sob dependência externa)

⁴⁷ «(...) poucos comentadores antigos duvidavam que Helena tivesse existido, e que o seu rapto, pelo príncipe troiano Páris, tivesse sido a causa fundamental da guerra entre gregos e troianos. Comentadores modernos são geralmente mais céticos. Alguns estão preparados para aceitar a possibilidade de uma Helena histórica; mas de certeza que exigiu mais do que um rosto bonito para lançar mil barcos e despontar um conflito de dez anos. Mais do que o rapto de uma bela rainha grega como *casus belli*, a guerra deve ter sido combatida por algo mais prático e sensível como a disputa de direitos pesqueiros no Helesponto. Mas, de facto, a nossa evidência demonstra que um rei da Era do Bronze – e realmente, às vezes assim o fazia – fazia a guerra em resposta ao rapto de qualquer pessoa do seu reino, quanto mais membros da sua família.» (Bryce, 2002: 183)

⁴⁸ A crónica de Tudhaliyas IV regista a vitória do rei sobre a “terra de Assuwa” que é mencionada no reino pela primeira vez e, no anterior parágrafo 22, lista os 22 povos inimigos (...) 1. [..]Uqqa; 2. Kispuwa; 3. Unaliya; 4. [...]; 5. Dura; 6. Halluwa; 7. Huwallusiya; 8. Karakisa; 9. [..]Junta; 10. Adadura; 11. Parista; 12. [...]; 13. [..]iwa; 14. Warsiya; 15. Kuruppiya; 16. Lusa; 17. Alatra; 18. Pahurina; 19. Pasuhalta; 20. [...]; 21. Wilusya; 22. Taruisa. A possibilidade que o o último nome da lista pudesse ser identificado com o grego Troia (...) foi observado em 1924 por E. Forrer (...) o nome Wilusiya pode ser equivalente a Ilios com base numa hipotética forma de Wiluwa.» (Garstang and Gurney, 1959: 105).

⁴⁹ Bryce, 2012: 14.

⁵⁰ Rei hitita Tudhaliyas IV governou talvez entre 1250-1220 (Preface by John Garstang, Table of Hitite Kings In Garstang and Gurney, 1959: ix).

⁵¹ «A *Iliada* de Homero não faz qualquer referência aos Hititas, mas eles desempenharam um papel forte na Anatólia ocidental ao longo da Era do Bronze tardio; e seriam, quase certamente, donos do reino a que Homero chamada de Ilios/Troia no período da alegada Guerra de Troia. Tentativas de ligá-los a povos lendários que aparecem na *Ilíada*, como Amazonas e Halizões, são pouco mais do que exercícios. Talvez Homero, que viveu quinhentos anos depois da ‘Guerra de Troia’, não soubesse que os hititas tinham existido. Mas devemos ser cautelosos quanto às conclusões a chegar sobre tudo isto.» (Bryce, 2012: 13)

que supostamente é dominante na região do *Monte Ida* (serra que talvez a proteja de forças superiores a leste). Se o império hitita tivesse participado na contenda, não seria de prever uma tradição diferente? Na *Ilíada*, a hierarquia entre líderes é fator importante e é, aliás, a razão por que foi redigida (contenda entre Aquiles da Tessália e Agamémnon de Micenas, ao passo que todos os aliados de Ílion fazem reverência a Príamo – ou seria artifício literário?).

A Confederação de Assuwa foi provavelmente provisória, para fazer face aos egípcios vitoriosos em Kadesh, mais do que por interesses comuns permanentes, e desintegrou-se quando Ramsés II recuou as suas trocas e recentrou os seus esforços na resolução de problemas internos, ou quando houve sucessão no trono hitita. Pela mesma lógica, as cidades que, segundo Homero, enviaram tropas para Troia, voltariam para os seus locais de origem após terminar o conflito armado. Antigamente, as negociações e as embaixadas eram temporárias, dificilmente permanentes.

Por um lado, os achados arqueológicos confirmam que Troia já existia desde 3000 a.C., muito antes de aparecerem os hititas (no século XVII a.C.).⁵² Sucumbiu a desastres naturais mas, se foi reconstruída várias vezes, é porque não chegou perder fama ou interesse estratégico.

Por outro lado, a herança cultural não é essa. Homero e demais poetas clássicos não fazem qualquer referência aos Hititas; e estes últimos também não registam a queda de Troia ou de Wilusa⁵³. Por alguma razão deve ter sido.

Os Hititas talvez centrassem as suas atenções noutras áreas da Anatólia, sem entrar em confronto direto com a cidade que supervisionava o Helesponto e, portanto, com aliados diversificados, uns mais poderosos do que outros. Descobrir um objeto, nem em número nem por ser portátil, tem carácter significativo. Contratar um escriba⁵⁴ que ajudasse a negociar com os povos vizinhos, não faz prova irrevogável de perda de soberania.

Por outro lado, se Troia era, para todos os efeitos, a face do Helesponto, atraía riquezas mas também inimigos (por exemplo, se aplicasse impostos de passagem) que os Hititas podiam evitar maquiavelmente, ao não se meterem em guerra com os aqueus, se os considerassem importantes parceiros comerciais e guerreiros temíveis. A questão não é

⁵² Bryce, 2012: 13.

⁵³ «A queda de Wilusa já não é registada pelos Hititas, uma vez que as ameaças mais ou menos imediatas vinham da costa sul da Anatólia e por volta de Chipre ou de Ugarit. A cadeia de ataques e destruições pode ser vista ao longo da costa ciliciana, onde Tarso vai abaixo como entreposto hitita, e depois é reconstruída por um grupo de refugiados aqueus em LH IIIC. Este fenómeno não tem paralelo com Troia, que pode ter sido vítima do mesmo tipo de ataques aqueus, cujos sobreviventes tentaram colonizar, mas que dispersou em caos generalizado, em Chipre e na costa sul da Anatólia.» (Mellink, 1986: 97)

⁵⁴ «Podemos talvez acrescentar, às inscrições hieroglíficas Luvian, *in situ*, um selo de bronze biconvexo, num manuscrito hieroglífico recentemente descoberto em Hisarlikm, a alegada cidade de Troia. Um lado do selo tem o nome de um homem e a sua profissão de escriba, o outro o nome de uma mulher, presumidamente a sua esposa. O selo foi encontrado durante as escavações do que é designado o nível VIIb1, talvez entre c. 1180-1050 a.C. Esta inscrição é, portanto, uma das últimas da Era do Bronze, e empurra, a data do fim do império Hitita, para umas décadas mais tarde. Mas os selos são objetos portáteis, e não podemos ter a certeza que este exemplar, em particular, fosse originário de Troia, ou que tivesse sido produzido no período correspondente ao nível em que foi encontrado. Mas, em qualquer caso, coloca algumas dúvidas sobre a etnicidade da população troiana da Era do Bronze.» (Bryce, 2012: 23)

de descorar, pois vários povos (incluindo o Egito) começaram a ser violentamente atacados pelos chamados “povos do mar”⁵⁵. A Odisseia de Homero até faz referência à passagem de Helena e de Menelau pelo Egito a caminho de Esparta.

III. Arqueologia e Estudos Complementares

A Guerra de Troia foi, durante muitos séculos, considerada um mito ou, no máximo, uma lenda com interesse literário ou cultural. A Arqueologia demorou a dar-lhe crédito, mesmo após as descobertas de Henrich Schliemann. Frank Kolb até acusou Manfred Korfmann de exagerar, face aos achados, a importância de Ílion no final da Era do Bronze, pois nem merecia chamar-se “cidade”; embora a sua posição minimalista tenha sido entretanto rejeitada (Jablonka e Rose, 2004).⁵⁶ Os autores continuam prudentes. O próprio Korfmann (1986), talvez para se defender das críticas, considerava a identidade de Ílion como “essencialmente um problema filológico”.⁵⁷

A Guerra de Troia, quando poderá ter ocorrido? Com base nas escavações arqueológicas (ver Anexo 1, Figura 2) e nos estudos geológicos em Hisarlik (ver Anexo 1 Figura 1), a cidade foi reconstruída várias vezes, ao longo dos séculos, no mesmo local. A investigação de Carl Blegen continua pertinente e ajuda a enquadrar os períodos em análise.

⁵⁵ «Troia VIIa no período LH III B foi uma cidadela reconstruída e lotada. As suas conexões com o mundo Helénico são menos diretas que eram na era IIIa, e o fim da cidadela foi ocasionado por uma ação de guerra, que conflagrou durante a guerra e a destruição geral no princípio do século XX, nas campanhas dos povos do mar, numa altura em que os sinais cerâmicos do período LH IIIC estavam em evidência.» (Mellink, 1986: 97)

⁵⁶ «Os Profs. Korfmann e Kolb conferem duas imagens muito diferentes de Troia do final da Era de Bronze. Korfmann apresenta Troia como uma grande cidade, um poder político regional, e um *Drehscheibe des Handels*, plataforma comercial. Kolb, pelo contrário, descreve Troia do fim da Era de Bronze como um local insignificante que nem sequer merece ser chamado de cidade, e que desempenhou, no máximo, papel negligenciável na política e no comércio da época. (...) Ele também indicou que o Prof. Korfmann inflacionou a importância de Troia, além de quaisquer limites baseados nos factos disponíveis, ao usar metáforas anacrónicas, admitindo especulações, para explorar a popularidade de ensaios sobre Troia e assegurar contínuo financiamento das escavações. Essa perspectiva é certamente polémica. Se é possível reconhecer que algumas das mais exageradas interpretações do Prof. Korfmann sobre o papel de Troia não têm precisão terminológica e são de facto hipotéticas, a substância das suas afirmações mantêm-se firmes quando testadas com base em dados disponíveis: 1) a Troia do final da Era de Bronze – ambas, Troia VI e Troia VII – era um povoado com cidadela e cidade-baixa fortificada, entre os 25 e os 35 hectares. 2) Era, de longe, a maior cidade da Tróade, claramente no topo da hierarquia da região; pelo que podia ser a capital de uma cidade-Estado que envolvesse a Tróade; 3) Os achados, a posição geográfica única de Troia, e a evidência de contacto entre o Mar Negro e o Mediterrâneo durante o final da Era do Bronze, indica que desempenhava um importante papel no comércio. (...) A visão minimalista de Troia providenciada pelo Prof. Kolb deve ser rejeitada.» (Jablonka and Rose, 2004: 626-627)

⁵⁷ «Não é minha intenção, pelo menos no presente, rejeitar ou apoiar a autenticidade histórica da Guerra de Troia. A minha preocupação aqui é com a paisagem e o local de Hisarlik, bem como a indisputável importância do local em si, geralmente associado a Troia desde as escavações de Schliemann nas décadas de 1870 e 1880. Enquanto *prehistorian* devo destacar que, a questão da identidade de Troia – ou Ílion, continua a ser essencialmente um problema filológico, uma questão para os estudiosos de Homero e para a topografia histórica. Como foi evidenciado por Hachmann em 1964, as escavações ainda não foram capazes de substanciar a história apresentada no épico.» (Korfmann, 1986: 2)

Korfmann (2006) defende novas subdivisões no terreno, como as camadas VIa (correspondente ao tremor de terra que ocorreu por volta de 1300 a.C.) e VII b3 (o último nível antes da Troia Clássica, nível VIII, em torno do ano 1000 a.C.) entre as VII b1 e VII b2 (ver Anexo 1, Figura 3). Mas as datas correspondentes a cada nível ainda estão em discussão⁵⁸.

Especialistas da Universidade de Cincinnati, com base em escavações que efetuaram no local, chegaram à conclusão que houve um tremor de terra por volta de 1300 a.C. (queda da cidade governada pelo rei Laomedonte?) e que Troia foi destruída por causas humanas em 1270 e/ou em 1240 (Troia VIIa)⁵⁹.

Também há ensaios sobre alterações climáticas, para saber se houve grande deterioração climática na época, que pudessem justificar o abandono da cidade durante um grande período de tempo (entre os níveis VII e VIII, por exemplo).⁶⁰

Há tentativas de enquadramento com base em fenómenos naturais, astronómicos, como eclipses solares. Papamarinopoulos *et al.* (2014) concluem que o fim da Guerra de Troia foi a 06/06/1218 a.C. e que o retorno de Odisseu a Ítaca foi a 30/10/1207 a.C., partindo do suposto que certas referências específicas nos textos (correspondentes a grandes perdas de luz em pleno dia, em tempo quente) equivalem a eclipses solares; e que não havia confronto militar durante o inverno e o planeta Vénus, antes do nascer do sol, estava a leste no céu⁶¹.

Especialistas da Universidade de Cincinnati, com base em escavações que efetuaram no local, chegaram à conclusão que houve um tremor de terra por volta de 1300 a.C. (queda da cidade governada pelo rei Laomedonte?) e que Troia foi destruída por causas humanas em 1270 e/ou em 1240 (Troia VIIa)

⁵⁸ «Há variações na exata datação e de todas as Troias VII b1-3, dependendo do autor. Estes erros de datação arqueológica está dentro de um intervalo de algumas décadas.» (Weninger *et. al.*, 2009: 45).

⁵⁹ Cf. Vermeule: 1986: 84.

⁶⁰ «Para concluir, ainda seguindo Korfmann (2000: 215) “no mais tardar em c. 1000/950 a.C. não havia mais em Troia nada que merecesse referência”. Esta data coincide bem (dentro de algumas décadas) com o intervalo [relativo ao evento climático] 3000-2930 calBP RCC (~1050-980 a.C.)» (Weninger *et. al.*, 2009: 45).

⁶¹ «Há um par específico de eclipses solares que são descritos nos épicos de Homero, que exibem um intervalo de dez anos entre eles. Nós examinámos os eclipses solares para o período compreendido entre 1400 e 1130 a.C., admitindo não haver batalhas no Inverno. Também levámos em consideração as condições especialmente quentes na Iliada e as condições outonais no regresso de Odisseu, respetivamente, como descritas de forma analítica por Homero. Para além das condições mencionadas, o planeta Vénus estaria a leste, no céu, antes da aurora a) cinco dias antes da chegada de Odisseu; e b) três dias depois da morte de Pátroclo. Nós apenas encontramos dois eclipses solares que totalmente satisfazem os textos homéricos; a) o eclipse solar anual a 6 de junho de 1218 a.C., para o fim da Guerra de Troia; e b) o eclipse solar anual a 30 outubro de 1207 a.C. para o retorno de Odisseu, observado como eclipse solar parcial em Troia e nas ilhas Jónicas respetivamente, com quase a mesma obscuração significativa de 75%.» (Papamarinopoulos, 2014: 101)

Tabela 2: Resumo de Dados

Rei (Mitologia)	Nível da cidade	Blegen (1966)	Outras Hipóteses (para destruição de Troia)
Laomedonte	Troia VI	1800-1300 a.C.	A: 1300 a.C. (Troia VIh tremor de terra)
Príamo	Troia VII a	1300-1260 a.C.	B: 1270 a.C. (fim de guerra)
Páris Alexandre	Troia VII b1	1260-1190 a.C.	B: 1240 a.C. (fim da guerra) C: 06/06/1218 a.C. (fim de guerra)
Eneias	Troia VII b2	1190-1100 a.C.	

Fonte: Autora

Legenda: A) Korfmann (2006); B) Vermeule (1986); C). Papamarinopoulos *et al.* (2014).

A Tabela 2 reúne alguma da informação disponibilizada neste artigo, para ajudar a enquadrar as diferentes teorias. Portanto, ainda não há certezas. O que fazer? Uma hipótese é esperar por novos achados e pesquisas. A Arqueologia, a Geologia, a Astronomia ou outros estudos, com base na tecnologia mais recente, poderão abrir portas ao apuramento da verdade. Entretanto, há quem ajuste a herança cultural aos resultados apurados e quem continue a procurar dados que confirmem os poemas.

Conclusão

A Guerra de Troia não foi esquecida. As lendas de Hércules e de Laomedonte, dos Argonautas e de Príamo, de Helena e de Páris Alexandre, Aquiles e outros heróis épicos, chegaram até nós pela voz dos poetas. Mas há já alguma investigação científica capaz de confirmar, pelo menos, a existência de Ílion. Se a cidade fazia parte do império hitita ou era soberana graças à proteção da serra (*Monte Ida*) ou dos direitos de passagem ou pesqueiros que cobrava no Helesponto, e conseguiu reunir alguns aliados antes de sucumbir aos ataques dos aqueus (povos do mar?), é uma questão ainda em debate.

Uma hipótese é tentar arranjar explicações para os factos e não negá-los só porque parecem incompreensíveis ou ainda não há forma de confirmá-los. A atitude científica é sempre pôr em causa tudo e testar as mais diversas hipóteses. Mas seriam necessárias provas irrefutáveis para negar uma herança com mais de três mil anos.

Alguns estudos climatéricos e astronómicos tentam, em paralelo com a arqueologia, determinar a data aproximada dos achados encontrados e dos acontecimentos que nos foram narrados.

A Geopolítica ajuda a explicar a inserção do indivíduo no seu meio natural, as lutas de poder no seu espaço vital e a forma como os Estados se expandem de forma a salvaguardar as necessidades das suas populações⁶². As lendas traduzem dinâmicas antigas? As listas

⁶² «(...) a geopolítica tem como objetivo a inserção do indivíduo no seu meio natural e a coordenação dos fenómenos, ao relacionar o Estado com o espaço. Estamos nos primórdios da conceptualização de um meio que procura justificar a luta pelo espaço vital em que os Estados se expandem de forma a atingirem as fronteiras do espaço vital» (Estudo Multidisciplinar sobre Troia)

dos Argonautas, supostamente lideradas pelo herói Hércules em Ílion (primeira guerra de Troia?) e as ligas adversárias no conflito, supostamente desencadeado pelo rapto de Helena (segunda guerra de Troia?), valem o que valem. Mas parecem testemunhar que, na Era do Bronze, o confronto parecia ser essencialmente entre líderes e entre cidades, (os impérios egípcio e hitita eram talvez exceção à regra).

A maior parte da população tinha campos para semear, casas para construir e bens para trocar e ocupava-se em atividades do dia-a-dia. As elites ousavam fazer a guerra e tinham riqueza suficiente para se equipar com cavalos, carros de combate e armas; ou pagar a pessoas que os servissem nas campanhas militares, ou fossem arautos das suas campanhas e conquistas.

Para que servia gastar tanto tempo a conquistar uma cidade, se não fosse para defender os seus interesses ou ganhar glória imortal? Alguns líderes já eram ricos e era por orgulho, vingança ou espírito de aventura, para darem prova de valentia ou para se candidatarem ao trono, que almejavam fama imorredora. Os guerreiros defendiam territórios, povos ou reis/rainhas. Quando havia uma disputa mais grave, as cidades formavam uma liga temporária que se desfazia quando o problema deixava de existir.

Com base nas lendas de Troia, os indivíduos preferiam morrer a desrespeitar os antepassados. Sentiam necessidade de lutar por prestígio, território ou família, porque a *areté* era “a celebração de uma moral heroica”⁶³ baseada na coragem e não no instinto de sobrevivência (a preocupação central do comum dos mortais) que, se os deuses quisessem, se traduzia em honra (*timé*) e glória (*kléos*), ou seja, reconhecimento social. Um herói era alguém que todos conheciam pelo nome, sobre os quais os poetas cantavam, num mundo dominado pela oralidade e não pela escrita. Era a maneira da pessoa deixar legado e, assim, garantir a imortalidade. Épicos como a *Iliada* de Homero, a *Efeméride da Guerra de Troia* de Díctis Cretense e a *Etiópida* de Arctino de Mileto, garantiram que isso acontecesse.

necessidades das suas populações, o que pode implicar a conquista de território além fronteira. A geopolítica permite assim apreender a essência da política; deve oferecer ao Estado os meios e o quadro intelectual para agir e pensar no seu futuro.» (Sousa Galito, 2014: 7).

⁶³ «A *areté* é a celebração de uma moral heroica idealmente cantada por aedos em poemas épicos e a forma de reconhecimento de excelência pelos seus pares ao longo dos tempos, que assim garantia a imortalidade e a glória (*kléos*) através da honra (*timé*). Traduz uma hierarquia social, uma primazia guerreira e aristocrática auferida após acumulação de êxitos militares exaltados até por inimigos, tal a bravura que os feitos implicavam. Mas manifesta-se sobretudo através de escolhas virtuosas, elevadas e difíceis e de feitos extraordinários obtidos em situações de extrema dificuldade, razão pela qual não era da exclusividade masculina, mesmo admitindo que havia mulheres guerreiras (amazonas) na *Iliada* e na herança cultural que nos foi legada através dos mitos gregos.» (*Idem*, 2012: 11)

Bibliografia

- *Fontes Específicas*

Blegen, Carl W. (1966). *Troia e os Troianos*. Lisboa: Editorial Verbo.

Bryce, Trevor R. (2002). “The Trojan War: Is There Truth Behind the Legend?”. *Near Eastern Archaeology*, Vol. 65, N. 3, pp. 182-195.

Bryce, Trevor (2012). *The World of the Neo-Hittite Kingdoms – A Political and Military History*. Oxford: Oxford University Press.

Garstang, John and Gurney, O. R. (1959). *The Geography of the Hittite Empire*. London: The British Institute of Archeology at Ankara.

Gérion, Pierre (1992). *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Difel.

Jablonka, Peter and Rose, C. Brian (2004). “Late Bronze Age Troy: A Response to Frank Kolb”. *American Journal of Archaeology*, 108, pp. 615-630.

Korfmann, Manfred (1986). “Troy: Topography and Navigation”. In “Troy and the Trojan War: A Symposium Held at Bryn Mawr College, October 1984”. *Bryn Mawr College, Scholarship, Research, and Creative Work at Bryn Mawr College*, October, pp. 1-16.

Korfmann, Manfred (2006). *Troia – Archäologie Eines Siedlungshügels und Seiner Landschaft*. Mainz: Verlag Philipp von Zabern

Lourenço, Frederico (2005). *Iliada*. Lisboa: Livros Cotovia.

Lourenço, Frederico (2018). *Odisseia*. Lisboa: Quetzal.

Martins, Ricardo L. (2012). “A Mulher e a Soberania. Metáforas Humanas e Divinas da ‘Legitimação do Poder’ na Literatura Épica e em Paralelos Indo-Europeus”. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História, Dissertação de Mestrado, pp. 1-180.

Mellink, Machteld (1986). “Postscript”. In “Troy and the Trojan War: A Symposium Held at Bryn Mawr College, October 1984”. *Bryn Mawr College, Scholarship, Research, and Creative Work at Bryn Mawr College*, October, pp. 93-101.

Papamarinopoulos, S. *et al.* (2014). “A New Astronomical Dating of the Trojan War’s End”. *Mediterranean Archaeology and Archaeometry*, Vol. 14, N. 1, pp. 93-102.

Pereira, Reina (2016). *Díctis Cretense – Efeméride da Guerra de Troia*. Lisboa: Edições 70.

Rodrigues, Nuno S. (2006). “Um tema egípcio na *Iliada*: a Kerostasia”. Departamento de Ciências e Técnicas do Património e Departamento de História. Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 2, pp. 247-257.

Vermeule, Emily D. (1986). “ ‘Priam Castle Blazing’ – A Thousand Years of Trojan Memories”. In “Troy and the Trojan War: A Symposium Held at Bryn Mawr College, October 1984”. *Bryn Mawr College, Scholarship, Research, and Creative Work at Bryn Mawr College*, October, pp. 77-92.

Weninger, Bernhard *et al.* (2009). “The Impact of Rapid Climate Change on Prehistoric Societies During the Holocene in the Eastern Mediterranean”. *Documenta Praehistorica*, XXXVI, pp. 1-59.

- *Fontes Clássicas*

Plutarco, *Vidas Paralelas*, Licurgo. URL: www.consciencia.org/plutarco_licurgo.shtml

- *Fontes Complementares*

Bourdeau, Jean O. (2017). *Astonishment – A Few Moments of Wonder* (Politics of Integrity – Book 5). Lulu: Jean Ovide Bourdeau.

Eagly, Alice H. *et al.* (1991). “What is Beautiful is Good, But...: A Meta-Analytical Review of Research on the Physical Attractiveness Stereotype.” *Psychological Bulletin*, 110 (1), pp. 109-128.

Haas, Anne and Gregory, Stanford W. (2005). “The Impact of Physical Attractiveness on Women's Social Status and Interaction Power”. *Sociological Forum*, 20 (3), pp. 449-71.

Hosoda, Megumi *et al.* (2003). “The Effects of Physical Attractiveness on Job-related Outcomes: A Meta-Analysis of Experimental Studies”. *Personnel Psychology* 56 (2), pp. 431-62.

Lutz, Georg (2009). “The Electoral Success of Beauties and Beasts”. *FORS (Swiss Foundation for Research in Social Sciences)* Working Paper, 2009-2, October, pp. 1-21.

Sousa Galito, Maria (2012). “Areté – Heroísmo e Excelência”. *CI-CPRI*, AF, N.º 3, pp. 1-12.

Sousa Galito, Maria (2014). “Geopolítica Portuguesa do Séc. XXI: Perspetiva e Prospetiva”. *CI-CPRI*, AI, N.º 19, Maio, pp. 1-50.

- *Mapas e Figuras*

Parada, Carlos and Förlag, Maicar (1997). “Acheans and Trojans”. *Greek Mythology Link*, Mythological Maps. URL: <http://www.maicar.com/GML/021Editions/FlippingBooks/FP-MythologicalMaps/MythologicalMapsPreview.html>

Zangger, Eberhard (2017a). “Western Asia Minor Around 1200 BC”. *Luwian Studies*, in collaboration with University of Zurich, Switzerland. URL: <https://luwianstudies.org/>

Zangger, Eberhard (2017b). “The Lower Town of Troy”. *Luwian Studies*, in collaboration with University of Zurich, Switzerland. URL: <https://luwianstudies.org/the-lower-town-of-troy/>

Mapa 1: Guerra de Troia – Líderes e Alianças



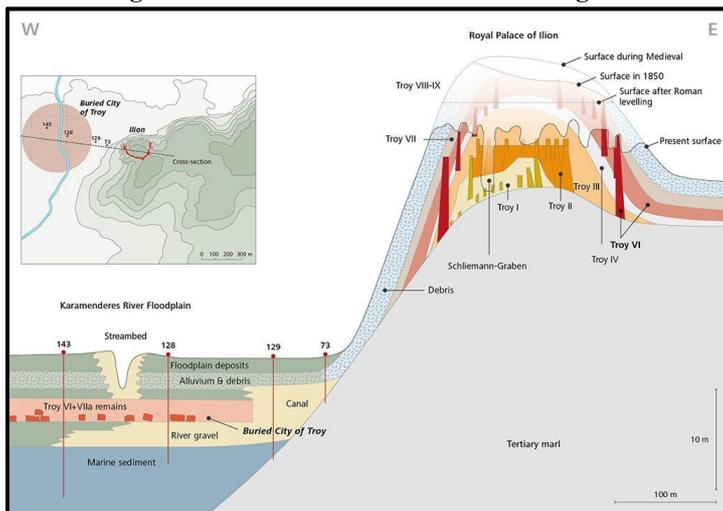
Fonte: Carlos Parada e Maicar Förlag (1997)

Mapa 2: Anatólia (c. 1200 a.C.)



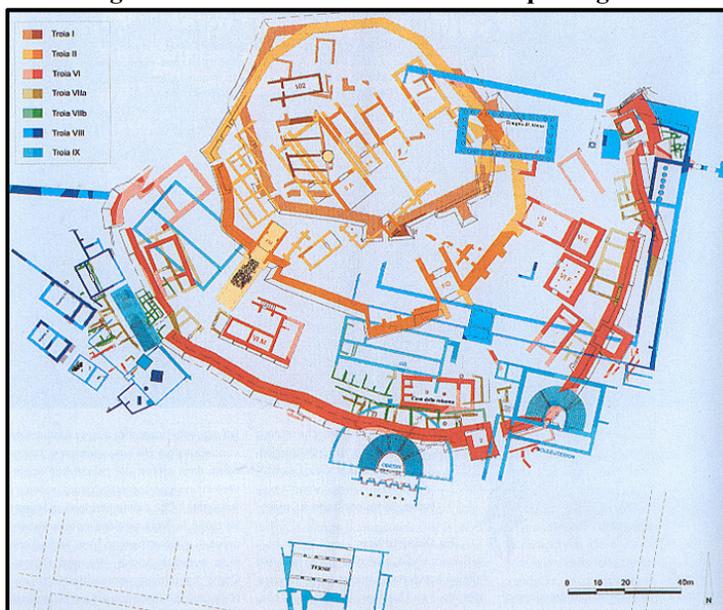
Fonte: Zangger (2017a)

Figura 1: Cidade de Troia – Níveis Geológicos



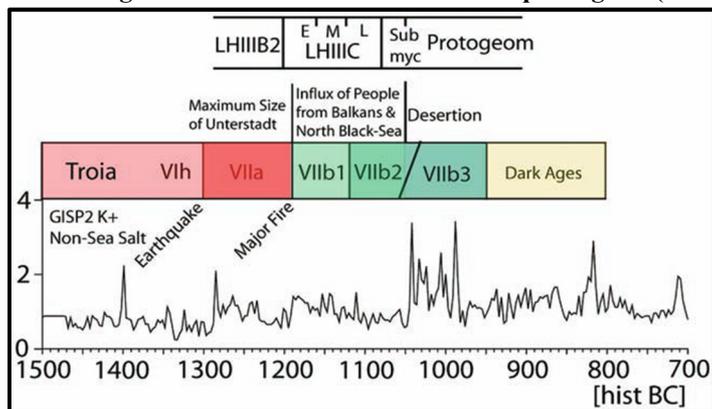
Fonte: Zanger (2017b)

Figura 2: Cidade de Troia – Níveis Arqueológicos



Fonte: Bryce (2002: 186)

Figura 3: Cronologia com Eventos e Novos Níveis Arqueológicos (VIIh e VIIb3)



Fonte: Korfmann (2006)

Tabela A: Lista de Líderes, Cidades e Alianças

Liga Aqueia	Líderes	Naus (número)	Liga Troiana	Líderes
Abantes	Elefenor	40	Adrasteia + Apeso + Pitieia + Tereia	Adrasto + Ânfió
Atenas	Menesteu	50	Cários	Anfímaco + Nastes
Arcádia	Agapenor	70	Cícones	Eufemo
Argissa + Girtona + Orta + Elona + Oloósson	Polípetes + Leonteu	40	Dardânios	Eneias
Argos + liga cidades	Diomedes	80	Frígios	Fórcis + Ascânio
Beócios	Leito + Peneleu + Arcesilau + Protoenor + Clónio	50	Halizonas	Ódio + Epístrofo
Cefalénios	Odisseu	12	Lídios	Sarpédon + Glauco
Cifo	Guneu	22	Meónios	Mestles + Ântifo
Cretenses	Idomeneu + Meríones	80	Mísios	Crómis + Énomo
Dulíquio + Equinas	Meges	40	Paflagónios	Pilémenes
Epeios	Anfímaco + Tálpio + Diores + Polixeino	40 (10*4=40)	Pelasgos	Hipótoo + Pileu
Etólios	Toas	40	Peónios	Pirecmes
Feras + Beba + Gláfiras + Iolco	Eumelo	11	Percota + Práctio + Sesto + Âbido + Arisbe	Ásio
Fílaxe + Píraso + Íton + Ântron + Ptéleo	Protesilau + Podarces	40	Trácios	Acamas + Píroo
Fócios	Esquédio + Epístrofo	40	Troianos	Heitor
Lacedemónia	Menelau	60		
Lócrios	Ájax, filho de Oileu	40		
Magnetes	Prótoo	40		
Metona + Taumácia + Melibeia + Olízon	Filoctetes + Médon	7		
Mícnas + liga cidades	Agamémnon	100		
Mínias	Ascálafo + Iálmemo	30		
Mirmidões + Helenos + Aqueus	Aquiles	50		
Nisiro + Crápato + Caso + Cós + ilhas Calídnias	Fídipo + Ântifo	30		
Orménio + Hipereia + Astérion + Títano	Eurípilo	40		
Pilos + liga cidades	Nestor	90		
Ródios	Tlepólemo	9		
Salamina	Ájax	12		
Sime	Nireu	3		
Trica + Itoma	Podalério + Macáon	30		

Fonte: Autora

«Dos Beócios foram comandantes Leito e Peneleu,
 Assim como Arcesilau e Protoenor e Clónio;
 Eles que na Híria habitavam e em Áulis rochosa,
 Em Esqueno e Escolio e Eteono de muitas escarpas,
 E em Tespeia e Graia e no espaçoso Micalesso;
 Eram eles que habitavam Harma e Ilésio e Eritras,
 Senhores de Éleon, mas também de Hila e de Péteon,
 De Ocália e de Médeon, cidadela bem fundada;
 De Copas, Eutrésis e de Tisbe cheia de pombas;
 Habitavam Coroneia e Haliarto de relva atapetado,
 Senhores de Plateia que habitavam Glisas;
 Senhores de Hipotebas, cidadela bem fundada,
 E do sagrado Onquesto, reluzente bosque de Posídon,
 Que detinham Arna rica em vinhas e Mideia,
 A sacratíssima Nisa e Antédon junto do mar.
 Destes vieram cinquenta naus; em cada uma
 Embarcaram cento e vinte mancebos dos Beócios.

Os que habitavam Asplédon e Orcómeno dos Míniás:
 Desses eram chefes Ascálafo e Iálmão, filho de Ares,
 A quem gerara, em casa de Actor filho de Azeu, Astíoca,
 A virgem venerada, depois de subir para o tálamo
 Com Ares possante: pois em segredo ele dormira com ela.
 Alinhavam com estes côncavas naus em número de trinta.

Dos Fócios eram comandantes Esquédio e Epístrofo,
 Filhos de Ífito, filho do magnânimo Náubolo;
 Eram senhores de Ciparisso e Píton rochosa,
 Da sacratíssima Crisa, de Dáulis e do Panopeu;
 Eram eles que habitavam Anemoreia e Hiâmpolis,
 Vivendo junto de Cefiso, rio divino;
 Detinham ainda Lileia, junto da nascente do Cefiso.
 Com eles seguiam escuras naus em número de quarenta.
 Posicionaram com eficiência o alinhamento dos Fócios,
 Preparados para a luta com os Beócios do lado esquerdo.

Dos Lócrios era comandante o rápido Ájax, filho de Oileu,
 O menor dos dois Ajantes, sem a estatura de Ájax, filho de Télamon;
 Era menor, de longe. Era baixo e vestia um colete de linho,
 Mas com a lança era superior a todos os Helenos e Aqueus.
 Eram estes que habitavam Cino e Opoente e Caliaro;
 Bessa e Escarfa e as agradáveis Augeias,
 Tarfa e Trónio junto às correntes de Boágrio.
 Com ele seguiam escuras naus em número de quarenta
 Dos Lócrios, que habitam defronte da sagrada Eubeia.

⁶⁴ Homero, *Iliada*, Canto II. Cf. Lourenço, 2005: 62-70 (Nota: “Ulisses” substituído por “Odisseu”).
 Estudo Multidisciplinar sobre Troia
 CI-CPRI, AI, N.º 24

Senhores de Eubeia eram os Abantes resfolegando força,
Que detinham Cálcis e Irétria e Histieia de muitas vinhas,
E Cerinto junto do mar e a cidadela sagrada de Dio;
Senhores de Caristo que habitavam Estira,
Deles era comandante Elefenor, vergôntea de Ares,
Filho de Calcodonte, magnânimo comandante dos Abantes.
Seguiam-no os velozes Abantes, que usavam cabelo comprido atrás,
Lanceiros desejosos de rasgar com lanças espetadas
Os coletes que protegiam o peito dos inimigos.
Com ele seguiam escuras naus em número de quarenta.
E aqueles que detinham Atenas, cidadela bem fundada,
Terra do magnânimo Erecteu, a quem outrora alimentou Atena
Filha de Zeus, quando o deu à luz em terra dadora de cereais;
Fê-lo habitar Atenas, no seu templo esplendoroso,
Onde com o sacrifício de touros e carneiros o propiciam
Os mancebos dos Atenienses, volvidos os anos;
Destes era comandante Menesteu, filho de Peteu.
Semelhante a ele não havia outro homem na terra,
Capaz de alinhar carros de carros de cavalos e homens portadores de escudo.
Só Nestor com ele rivalizava, pois era ele o mais velho.
Com ele seguiam escuras naus em número de cinquenta.

E de Salamina conduziu Ájax doze naus,
Que posicionou junto às falanges dos Atenienses.

Os que eram senhores de Argos e de Tirinto amuralhada,
De Hermíone e de Ásina recortadas pela baía funda;
Trezena e Eionas e Epidauro cheio de vinhas,
Senhores de Egina e de Mases, mancebos dos Aqueus;
Deles era comandante Diomedes, excelente em auxílio,
E Esténelo, filho amado do glorioso Capaneu.
Com eles vinha um terceiro, Euríalo, homem divino!,
Filho do soberano Mecisteu, filho de Talau.
Mas a todos eles comandava Diomedes, excelente em auxílio,
E com eles seguiam escuras naus em número de oitenta.

Os que detinham Micenas, cidadela bem fundada,
A rica Corinto e as bem fundadas Cleonas,
Que habitavam Orneias e a agradável Aretírea;
E Sícion, onde primeiro reinou Adrasto;
E os que detinham Hiperésia e a íngreme Gonoessa,
Senhores de Pelena que habitavam Égion,
Todo o Egíalo e por toda a ampla Hélice:
Deles comandava cem naus o poderoso Agamémnon,
Filho de Atreu; e com ele seguiam os melhores
E mais numerosas hostes, ele próprio vestido na sua glória
De bronze viril, destacando-se no meio de todos os heróis,
Porque era ele o mais nobre e comandava a hoste mais numerosa.

Os que detinham a ravinosa Lacedemónia cheia de grutas,
Fáris e Esparta e Messa cheia de pombas,
Que habitavam Briseias e as agradáveis Augeias,
Senhores de Amiclas e de Helo, cidadela junto do mar;
Estudo Multidisciplinar sobre Troia
CI-CPRI, AI, N.º 24

Eles que detinham Laas e habitam Étilo:
Deles comandava o irmão, Menelau excelente em auxílio,
Setenta naus, separadamente alinhadas.
Entre elas se movimentava confiante na própria vontade,
Incitando-os à guerra; muito queria ele no coração
Vingar os estrebuchamentos e lamentações de Helena.

Os que habitavam Pilos e a agradável Arena,
Tríon, travessia do Alfeu, e o bem fundado Épi;
Eles que habitavam Ciparisseis e Anfigeneia,
Ptéleo e Helo e Dórion, lá onde as Musas
Encontraram Tâmiris, o Trácio, e o canto lhe calaram,
Vindo da Ecália, de casa de Êurito, o Ecálio
Pois ufanara-se ele de as vencer, se contra ele cantassem
As Musas, filhas de Zeus detentor da égide;
Mas elas na sua cólera o estropiaram e lhe tiraram
O canto sortilégio, fazendo-o esquecer a arte da lira.
Destes era comandante Nestor de Gerénia, o cavaleiro;
E com ele alinhavam noventa côncavas naus.

Os que habitavam a Arcádia debaixo da escarpada montanha
De Cilene, junto ao túmulo de Épito, onde os homens combatem
Encostados; senhores de Feneu e Orcómeno de muitos rebanhos;
De Ripa e de Estrácia e da ventosa Enispa;
Eles que detinham Tegeia e a agradável Mantineia,
Senhores de Estínfalo que habitavam a Parrásia:
Deles comandava o filho de Anceu, o forte Agapenor,
Setenta naus; e em cada nau estavam embarcados
Homens Árcades, bons conhecedores da guerra.
A eles dera o próprio Agamémnon, senhor dos homens,
As naus bem construídas para a travessia do mar cor de vinho:
Oferta do Atrida, porque a navegação em nada lhe interessava.

E os que habitavam Buprásion e a Élide divina,
Toda a região que Hermina e Mírsino junto do mar
E a Rocha Olénia e Alésion delimitam:
Destes havia quatro comandantes, e dez naus velozes
Seguiam cada comandante, depois de embarcados muitos Epeios.
Comandantes eram por um lado Anfímaco e Tálpio:
Este, filho de Ctéato; aquele, de Êurito, da raça de Actor;
Por outro lado o filho de Amarinceu, Diores possante;
Como quarto comandava Polixeino, semelhante aos deuses,
Filho do soberano Agástenes, filho de Augeu.

E de Dulíquio e de Equinas, ilhas sagradas,
Do outro lado do mar, defronte de Élide:
Destes era comandante Meges, igual de Ares,
Filho de Fileu, a quem gerara o cavaleiro Fileu, dilecto de zeus,
Que outrora viera para Dulíquio, irado contra o pai.
Com ele seguiam escuras naus em número de quarenta.

E Odisseu comandava os magnânimos Cefalénios, que habitavam
Ítaca e o Nériton coberto de árvores agitadas pelo vento,
Estudo Multidisciplinar sobre Troia
CI-CPRI, AI, N.º 24

Senhores da Crocileia e da áspera Egílipe,
Que detinham Zacinto e habitavam Samos,
Senhores do continente e habitantes da orla marítima:
Destes era comandante Odisseu, igual de Zeus no conselho.
Com ele seguiam doze naus de rebordos vermelhos.

Dos Etólios era o comandante Toas, filho de Andrémon,
Eles que habitavam Plêuron e Óleno e Pilena,
E Cálcis junto do mar e Cálidon rochosa:
É que não viviam já os filhos do magnânimo Eneu,
Nem ele próprio era vivo, nem o loiro Meleagro,
A quem fora ordenado que regesse os Etólios.
Com ele seguiam escuras naus em número de quarenta.

Dos Cretenses era comandante o famoso lanceiro Idomeneu,
Eles que detinham Cnosos e Gortina amuralhada,
Licteo e Mileto e Licasto de pedra branca,
Festo e Rício, cidades bem habitadas,
E os outros que habitavam Creta das cem cidades.
Destes eram comandantes o famoso lanceiro Idomeneu
E Meríones, igual de Eniálio matador de homens.
Com eles seguiam escuras naus em número de oitenta.
E Tlepólemo, filho de Hércules, homem alto e valente,
Conduzia de Rodes nove naus de orgulhosos Ródios,
Eles que habitavam Rodes divididos em três:
Lindo e Ieliso e Cameiro de pedra branca:
Destes era comandante o famoso lanceiro Tlepólemo,
Que Astioqueia deu á luz devido à força de Hércules
Ela que fora trazida de Éfire de junto do rio Seleis,
Saqueadas muitas cidades de guerreiros criados por Zeus.
Tlepólemo fora criado no belo recinto do palácio,
Mas imediatamente do pai matou o tio amado,
Licímnio, vergôntea de Ares, homem já idoso.
Logo construiu as naus; e depois de reunir o povo,
Fugiu pelo mar, uma vez que era ameaçado
Pelos outros filhos e netos da força de Hércules.
Nas suas errâncias chegou a Rodes, sofrendo dores:
Aí dividiu o povo em três tribos e foi estimado
Por Zeus, que é soberano dos deuses e dos homens.
E sobre eles derramou o Crónida riquezas maravilhosas.

Nireu comandou três naus de Sime,
Nireu filho de Aglaia e de Cárops soberano;
Nireu, que era o homem mais belo entre os outros Dânaos
Que vieram para debaixo de Ílion, à exceção do irrepreensível Pelida.
No entanto era um fraco; e pouco era o povo que o seguia.

E os que detinham Nisiro e Crápatos e Caso
E Cós, cidade de Eurípilo, e as ilhas Calídnias:
Destes eram comandantes Fidipo e Ântifo,
Ambos filhos de Téssalo, filho de Hércules.
Com eles alinhavam trinta côncavas naus.

Agora, daqueles que habitavam Argos de Pelasgo,
Senhores de Alo e Álope, habitantes de Tráquis,
Que detinham a Ftia e a Hélade, terra de belas mulheres,
Mirmidões de seu nome, mas também Helenos e Aqueus:
Destes comandava Aquiles cinquenta naus.
Porém não era na guerra dolorosa que fixavam o pensamento:
Pois não havia quem os comandasse nas linhas de combate.
Junto às naus estava deitado o divino Aquiles de pés velozes,
Encolerizado por causa de Briseida, donzela de lindo cabelo,
Que ele trouxera de Lirnesso após grandes esforços,
Quando destruiu Lirnesso e as muralhas de Tebas,
Tendo derrubado os lanceiros Mines e Epístrofo,
Filhos do soberano Eveno, filho de Selepo:
Por causa dela estava Aquiles deitado em sofrimento.
Mas em breve viria o momento de se levantar.

E aqueles que detinham Fílace e o florido Píraso,
Santuário de Deméter, e Íton, mãe dos rebanhos,
E Ântron junto do mar e Ptéleo de relva atapetado:
Destes fora comandante o belicoso Protesilau,
Quando era vivo; mas cobria-o agora a terra negra.
Com ambas as faces dilaceradas, a esposa ficara em Fílace,
Na casa incompleta; quanto a ele, matara-o um Dárdano,
Quando saltava da nau, de longe o primeiro dos Aqueus.
Porém não ficaram sem comandante, apesar das saudades:
Mas comandava-os Podarces, vergôntea de Ares,
Filho de Íficlo, filho de Fílaco rico em rebanhos,
Ele próprio irmão do magnânimo Protesilau,
Nascido depois; mas o outro era melhor e mais velho,
O belicoso herói Protesilau. Deste modo às hostes
Não faltava um chefe, apesar das saudades daquele valente.
Com ele seguiam escuras naus em número de quarenta.

E aqueles que habitam Feras junto ao lago de Bebeis;
Beba e Gláfiras e a bem fundada Iolco:
Destes comandava onze naus o filho amado de Admeto,
Eumelo, que para Admeto deu à luz a divina entre as mulheres,
Alceste, a mais excelsa na beleza das filhas de Pélias.

E os que habitavam Metona e Taumácia,
Senhores de Melibeia e da áspera Olízon;
Destes comandava Filoctetes, o sábio archeiro,
Sete naus; em cada uma tinham embarcado cinquenta
Remadores, bons conhecedores do combate com arco e flecha.
Pois ele jazia agora numa ilha, em grande sofrimento,
Na sacra Lemnos, onde o deixaram os filhos dos Aqueus
Padecendo da ferida horrível de uma venenosa serpente.
Aí jazia, cheio de dores; mas em breve se lembrariam
Os Aqueus junto às naus do soberano Filoctetes.
Porém não ficaram sem comandante, apesar das saudades:
Mas comandava-os Médon, filho ilegítimo de Oileu,
Que Rena dera a luz para Oileu, saqueador de cidades.

E aqueles que detinham Trica e Itoma das muitas escarpas,
Senhores da Ecália, cidade de Êurito, o Ecálio:
Destes eram comandantes dois filhos de Asclépio,
Excelentes médicos, Podalério e Macáon.
Com eles alinhavam trinta côncavas naus.

E os senhores de Orménio e da fonte Hipereia,
Que habitavam Astérion e os brancos cumes do Títano:
Destes era comandante Eurípilo, glorioso filho de Evémon.
Com ele seguiam escuras naus em número de quarenta.

E os que detinham Argissa e habitavam Girtona,
Orta e Elona e a cidade branca de Oloósson:
Destes era comandante o paciente guerreiro Polipetes,
Filho de Pirítoo, gerado por Zeus imortal.
Deu-o à luz para Pirítoo a famosa Hipodamia,
No dia em que se vingou dos centauros hirsutos,
Escorraçando-os de Pélion em direção a Etices.
Não vinha só, pois com ele estava Leonteu, vergôntea de Ares,
Filho do magnânimo Corono, filho de Ceno.
Com eles seguiam escuras naus em número de quarenta.

Guneu comandou de Cifo vinte e duas naus;
Com ele vinham os Enienes e os Perebos, pacientes na guerra,
Que estabeleceram as suas casas na invernos Dodona,
E habitavam a terra arável junto do desejável Titaresso,
Que verte no Peneu a sua corrente de lindo fluir,
Mas não mistura as suas águas com os redemoinhos prateados
Do Peneu, mas corre como azeite sobre as águas dele.
É afluenta da terrível Água Estígea dos juramentos.

Dos Magnetes era comandante Prótoo, filho de Tentrédon,
Que viviam junto do Peneu e do Pélion coberto de Árvores
Agitadas pelo vento; comandava-os o veloz Prótoo.
Com ele seguiam escuras naus em número de quarenta.»

«Dos Troianos era comandante o grande Heitor de elmo faiscante,
Filho de Príamo; e com ele alinhavam as melhores hostes
E mais numerosas que combatiam com as lanças.

Dos Dardânios era comandante o valente filho de Anquises,
Eneias, que a divina Afrodite dera à luz para Anquises,
Depois de ao homem se ter unido a deusa nas faldas do Ido.
Não vinha só, pois com ele seguiam os dois filhos de Antenor,
Arquéloco e Acamas, bons conhecedores de todo o combate.

Aqueles que habitavam Zeleia no sopé do Ida,
Homens ricos que bebem a água negra do Esepo,
Troianos: destes era comandante o filho glorioso de Licáon,
Pândaro, a quem o próprio Apolo oferecera o arco.

E os que detinham Adrasteia e a terra do Apeso,
Senhores de Pitieia e da escarpada montanha de Tereia:
Destes eram comandantes Adrasto e Ânfito do colete de linho,
Ambos filhos do Percósio Mérops, que acima de todos
Era perito nos vaticínios e não deixava que os filhos
Partissem para a guerra matadora de homens. Mas eles não
Obedeceram, pois era o destino da negra morte que os levava.

Aqueles que habitavam Percota e Práctio,
Senhores de Sesto e Âbido e da divina Arisbe:
Destes era comandante Ásio, filho de Hírtaco, condutor de homens:
Ásio, filho de Hírtaco, a quem os grandes e fulvos
Cavalos haviam trazido, de junto do rio Seleis.

Hipótoo comandava as raças de lanceiros Pelasgos,
Que habitavam Larisa de férteis sulcos:
Destes eram comandates Hipótoo e Pileu, vergôntea de Ares,
Ambos filhos de Leto, o Pelasgo, filho de Têutamo.

Mas os Trácios eram comandados por Acamas e Píroo,
O herói, eles que estão contidos pelo forte Helesponto.

Eufemo era o comandante dos lanceiros Cícones,
Filho de Trezeno, filho de Ceas criado por Zeus.

Porém Pirecmes conduzia os Peónios de arcos recurvos,
De longe – de Amídon junto à ampla corrente do Áxio;
Do Áxio cujas águas fluem com mais beleza na terra.

Dos Paflagónios era comandante Pilémenes de coração hirsuto;
Vinha da terra dos Énetos, donde vêm as mulas selvagens.

⁶⁵ Cf. Lourenço, 2005: 71-73.
Estudo Multidisciplinar sobre Troia
CI-CPRI, AI, N.º 24

Eram senhores de Cítoro que habitavam Sésamon;
Tinham suas famosas moradas em torno do rio Párténio,
Assim como Cromna e Egíalo e os sublimes Eritinos.

Mas dos Halizonas eram comandantes Ódio e Epístrofo,
Da longínqua Álibe, o local de nascimento da prata.

Dos Mísios eram comandantes Crómis e Énomo, o áugure;
Porém não evitou o destino da morte, apesar dos augúrios,
Mas foi subjugado, no rio, às mãos do veloz Aquiles,
Quando dizimava os Troianos e também outros.

Fórcis e o divino Ascânio comandavam os Frígios,
Da longínqua Ascânia, desejosos de combater na refrega.

Dos Meónios eram comandantes Mestles e Ântifo,
Filho de Telémenes; dera-os à luz a ninfa do lago Gigeu:
Comandava os Meónios, que nasceram debaixo do Tmolo.

Nestes comandou de novo os Cários de bárbara fala,
Senhores de Mileto e da montanha de Ftires com alta folhagem,
Das correntes de Meandro e dos altos píncaros de Mícale.
Destes eram comandantes Anfímaco e Nastes.
Nastes e Anfímaco, filhos gloriosos de Nomíon.
Veio ele para a guerra todo vestido de ouro como uma donzela,
O estulto!, pois não foi por isso que evitou a morte dolorosa,
Mas foi subjugado, no rio, às mãos do veloz Aquiles,
E foi o feroso Aquiles que lhe ficou com o ouro.

E Sarpédon e o irrepreensível Glauco eram comandantes dos Lídios,
Da longínqua Lídia, de junto dos torvelinhos do Xanto.»

Arctino de Mileto, *Etiópida*⁶⁶

Pentesileia liderava as Amazonas, grupo de mulheres guerreiras que lutaram a favor dos troianos.

Mémnon, filho de Eos (ou Aurora) e de Titono (irmão de Príamo de Troia), era o comandante dos Etiopes.

⁶⁶ Cf. Rodrigues, 2006: 249-250.
Estudo Multidisciplinar sobre Troia
CI-CPRI, AI, N.º 24